

FFLCH USP

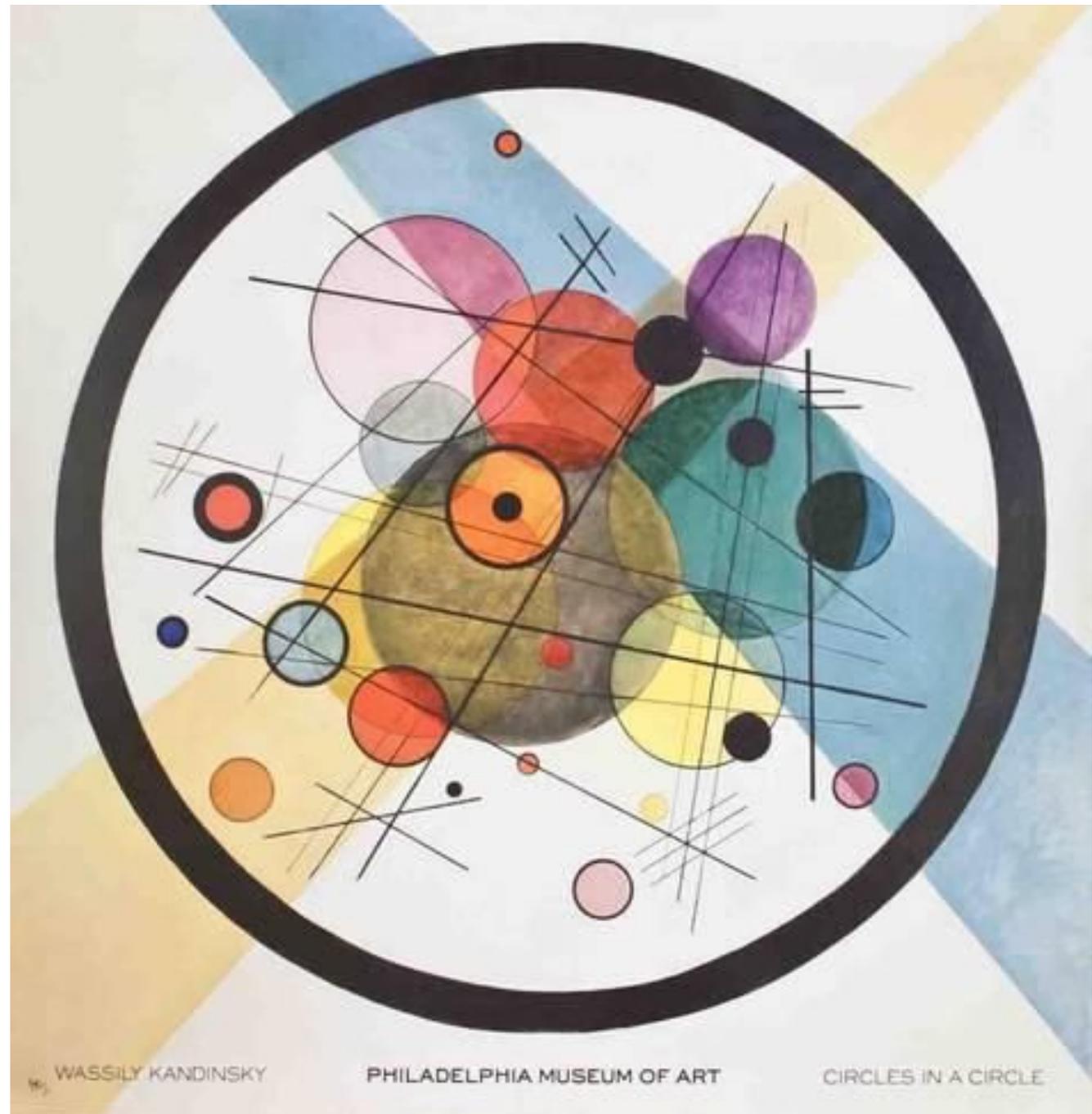
Moralidade e interseccionalidade de
marcadores sociais - Prof. Gustavo
Venturi

**Aula -
Marcadores sociais da diferença
e interseccionalidades**

Marcia Couto
Faculdade de Medicina - USP

marthet@usp.br

abril, 2019.



MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA

Construções sociais que preexistem ao nosso nascimento e que se articulam de maneira a produzir maior ou menor inclusão/exclusão.

Gênero, Classe, Raça-Cor, Orientação Sexual, Religião, Geração, etc.

Nossa localização no mapa social depende:

- de nossas posições nos sistemas de classificação,
- do que representamos,
- do tipo de controle que é exercido sobre nós e
- de nossa agência no âmbito desse complexo sistema.

*“Considerando-se a articulação dos **marcadores sociais** na produção de processos de dominação e opressão, a interseccionalidade pretende se constituir como uma alternativa **teórica e metodológica** que interroga a dinâmica e complexidade das interações nos níveis **individual e estrutural**” (Dhamoon, 2011).*

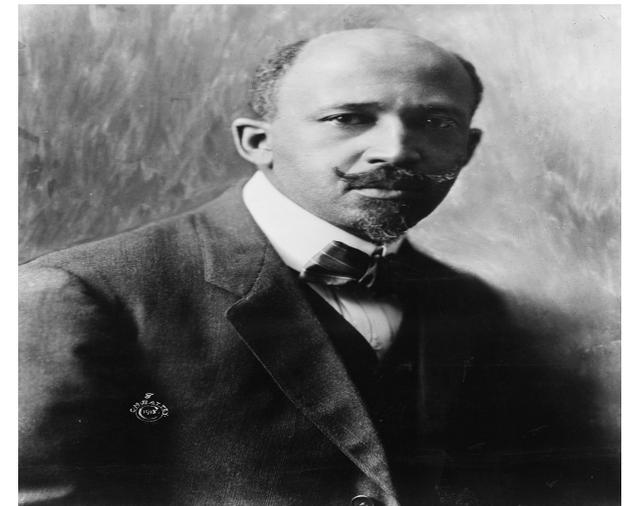
GENEALOGIA (SÉC. XIX E INÍCIO SÉC. XX)

EUA - Curta aliança entre as lutas abolicionistas e Feministas do séc. XIX

Discurso de **Sojourner Truth** (ex escrava), confronta a concepção burguesa de feminilidade com sua própria experiência de mulher negra e mãe de muitos filhos vendidos como escravos, mediante a pergunta insistente ao auditório: → *Ain't I a woman?*

Sociólogo **W. E. Du Bois** (1903) - compilação de ensaios. Referência à própria experiência de pobreza de seu povo no período de segregação racial:

*“É duro ser um homem pobre,
mas ser de uma raça pobre em um país de dólares é a pior das provas”.*



SOJOURNER TRUTH

Convenção dos Direitos das mulheres, Ohio (1851)

“Muito bem crianças, onde há muita algazarra alguma coisa está fora da ordem. Eu acho que com essa mistura de negros (negroes) do Sul e mulheres do Norte, todo mundo falando sobre direitos, o homem branco vai entrar na linha rapidinho.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”]. É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida?

Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso.

Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de conserta-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem.

Agradecida a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer.”

*“Considerando-se a articulação dos **marcadores sociais** na produção de processos de dominação e opressão, a interseccionalidade pretende se constituir como uma alternativa **teórica e metodológica** que interroga a dinâmica e complexidade das interações nos níveis **individual e estrutural**”*

(Dhamoon, 2011)

MOVIMENTOS SOCIAIS – ANOS 1960-1970

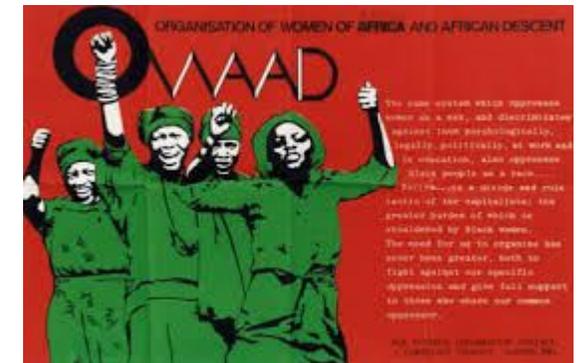
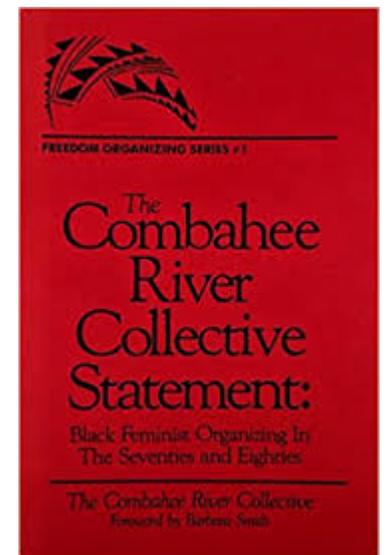
Combahee River Collective (Coletivo de mulheres negras e lésbicas, Boston-EUA)

Luta articulada entre a opressão sexual e outras formas de subordinação e discriminação social.

Orientações políticas, teóricas e metodológicas: princípio feminista de que “o pessoal é político” - conhecimento centrado na experiência dos sujeitos e a necessidade de abordar as relações de gênero, mas também de raça e classe, enquanto sistemas de opressão.

OWAAD - Organization of Women of African and Asian Descent (Inglaterra)

Propunha discutir a experiência articulada de classe, raça, gênero e diferenças culturais na vida de mulheres “não-brancas”, num esforço de se compreender e trabalhar com o que era comum, bem como com a heterogeneidade de suas experiências.



(Brah and Phoenix, 2004; Viveros Vigoya, 2016).

INTERSECCIONALIDADES: ORIGENS

“A mais importante contribuição do campo de estudos feministas”

(McCall, 2005)



Nomes: **Kimberlé Crenshaw, Bell Hooks, Patricia H. Collins**

Kimberlé Crenshaw - advogada negra e feminista norte-americana.

Categoria jurídica concreta - discutir e enfrentar o entrelaçamento de diferenças de gênero e raça na produção de discriminações.

Crenshaw não pretendia criar uma teoria de opressão geral, mas denunciar a invisibilidade jurídica das múltiplas formas de opressão e combater desigualdades, vulnerabilidades, desempoderamentos e violações de direitos. **Interação** como ênfase.

Metáfora (**intersecção**) - posicionamento social das mulheres negras, na intersecção dos eixos *raça* e *gênero*, que torna suas experiências concretas de violências e de tentativas de enfrentamento qualitativamente diferente das experiências das mulheres brancas (Crenshaw, 1991).



DESDOBRAMENTOS (1990-...)

Abordagem integrada para a compreensão das desigualdades e identidades sociais, mostrando a existência de diferentes sistemas de opressão e abordando como estes produzem e reproduzem desigualdades sociais.

Trata-se de uma perspectiva **múltipla, simultânea e interativa**

Como **perspectiva de análise**:

- Remonta à dúvida colocada pelos *estudos de gênero* acerca do alcance de explicações unidimensionais da desigualdade social
- Aposta na busca do enfrentamento das complexas formas de produzir desigualdade e discriminação.

Base epistêmica – refuta a **compartimentalização** e **hierarquização** dos marcadores da diferenciação social

Contudo, a despeito do consenso sobre as origens e possíveis alcances, nas recentes teorizações há disputas e debates entre as perspectivas de análise **micro** e **macro**, sendo que parte das clivagens guardam relação com as origens das produções intelectuais:

1. Nos EUA - forte influência do pensamento feminista negro,
2. Na Europa - ênfase na perspectiva pós-moderna.

INTERSECCIONALIDADE

1. Campo de estudo situado nas questões relativas ao poder e à dominação;
2. Como uma estratégia analítica que prove novos ângulos de visão sobre fenômenos sociais;
3. Como uma *praxis* crítica que informa projetos de justiça social.

Collins (2015)

HANCOCK - INTERSECCIONALIDADE COMO PARADIGMA

"(...) um conjunto de teoria normativa e pesquisa empírica" (Hancock 2007):

1. Mais de uma categoria de diferença está implicada na análise de problemas e processos políticos complexos;
2. Deve ser dada atenção a todas as categorias relevantes, considerando que as relações entre essas categorias são variáveis e questões empíricas abertas. As intersecções entre as categorias não constituem uma simples soma das partes, nem se pode considerar, a priori, os papéis e pesos que cada categoria assume em determinado contexto.
3. As categorias de diferença são conceituadas como produções dinâmicas de fatores individuais e institucionais, simultaneamente contestadas e impostas em ambos os níveis;

COMO PODE SER EMPREGADO

Por seu caráter aberto e não estruturado, polifônico e polissêmico, agrega **múltiplas perspectivas** de compreensão e enfrentamento de diferenças e desigualdades (Cho, Crenshaw, McCall, 2015).

Para alguns autores, interseccionalidade é vista como uma **teoria**, para outros, um **conceito** ou “dispositivo heurístico”, podendo também ser compreendida como **categoria analítica**, estratégia de leitura ou **lente analítica** (Davis, 2008).

Também compreendido como uma **teoria transdisciplinar** visando relacionar o estudo integrado e contextualizado das estruturas de dominação, arranjos institucionais e formas de governança, bem como as experiências significadas e legitimadas intersubjetivamente (Knapp, 2005).

COMO OPERACIONALIZAR PESQUISAS EMPÍRICAS?

Para Viveros Vigoya (2016):

A interseccionalidade deve ser compreendida como uma pergunta em aberto.

Não se deve adotar uma atitude prescritiva e preservar o “princípio de abertura às diferenças” como uma condição para os estudos interseccionais.

Piscitelli (2008):

Deslocamento da obrigatoriedade de partir de um marcador específico no desenvolvimento da análise para uma abertura às produções e configurações de diferenciações sociais e de desigualdades, com a preocupação de sempre contextualizá-los cultural e historicamente.

INTERSECCIONALIDADE DESAFIOS

Superar a relativa falta de clareza conceitual, além da necessidade de mais desenvolvimento teórico da abordagem da *interseccionalidade*.

Como a *interseccionalidade* potencializa repensar os modelos e métodos de pesquisa, bem como as práticas e as políticas de saúde?

Pertinência política de outros marcadores de diferenças e desigualdades no mundo contemporâneo como nação/nacionalidade, religião, geração, deficiência.

Seria possível tomar a *interseccionalidade* como **ferramenta** direcionadora de análises nas quais nenhum marcador é, *a priori*, considerado como o mais “opressor”? - Sobre hierarquias e assimetrias de poder entre os eixos de diferenciação social.

Como operacionalizar a interseccionalidade em pesquisas empíricas?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barata RB. Desigualdades Sociais e saúde. In: Campos GW et cols (Orgs.). *Tratado de saúde coletiva*. Rio de Janeiro, HUCITEC/FIOCRUZ, 2006, p. 201-30.

Connell R; Pearse R. *Gênero, uma perspectiva global*. São Paulo, Universos Ed., 2015.

Guimarães ASA. Como trabalhar com 'raça' em sociologia. *Educação e pesquisa*. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, 2003.

Laguardia J. O uso da variável "raça" na pesquisa em saúde. *Physis* 2004 jul.; 14(2):197-234

Outhwait W. et al. *Dicionário do Pensamento Social do séc. XX*. RJ, Zahar Ed. 1996.

Scott J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação e realidade* 1995; 20(2):71-99.

Vigoya MV. La interseccionalidad: una aproximación situada a la dominación. *Debate Feminista*. 2016 Oct 31;52:1-7.

Shields SA. Gender: An intersectionality perspective. *Sex roles*. 2008 Sep 1;59(5-6):301-11.

Henning CE. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*. 2015; 20(2):97-128.

Hankivsky O. Women's health, men's health, and gender and health: Implications of intersectionality. *Soc Sci Med*. 2012; 74(11):1712-20.

Davis K. Intersectionality as buzzword: A sociology of science perspective on what makes a feminist theory successful. *Feminist theory*. 2008 Apr;9(1):67-85.

Collins PH. Intersectionality's definitional dilemmas. *Annual Review of Sociology*. 2015 Aug 14;41:1-20.

Bilge S. Recent feminist outlooks on intersectionality. *Diogenes*. 2010 Feb 1;57(1):58-72.